



Próximas exposições

Terra > Tânia Dinis + Rebecca Moradilalideh > 6 nov - 4 dez 21
Poço > Maria Oliveira + Marta Ramos > 11 dez - 15 jan 22

Exposição . 25 set > 30 out 2021
Performance de Xavier Paes . 30 out às 18h

UM CICLO
DE COISAS



galho

Daniel Moreira e Rita Castro Neves
Xavier Paes

Galho

Galho de Daniel Moreira e Rita Castro Neves, e Xavier Paes é a primeira apresentação pública do projeto *Era já ali e já era outra coisa* e implanta-se na sala da *Neblina*, sonora e visualmente. Naturalmente o nosso trabalho parte de uma vivência mais continuada com a região do que a/os outra/os artistas do projeto, no que pensamos constituir-se como uma interessante adição em contraponto. Partindo de várias caminhadas pela região, por percursos marcados e não marcados, a nossa participação transpõe para o espaço a experiência de andar e parar, de observar e conhecer. É também circular o percurso que propomos à volta de uma plataforma construída em madeira – mdf para sermos mais precisos, que se apresenta como um chão elevado onde se dispersam as obras.

Em contraponto a uma imagem idealizada, Xavier observa o lixo amontoado pelo território, e junto aos contentores nas estradas. Não é difícil a tarefa porque algo que caracteriza a vida no interior rural português, é precisamente a falta de cuidado nos serviços básicos: ausência de transportes públicos, eletricidade instável, má cobertura de internet, falta de saneamento e também, recolha do lixo insuficiente. Também nós temos isso tudo em Macieira.

Com o tempo habituamo-nos a ver os contentores sempre cheios e à sua volta todo o tipo de lixo grande: colchões, móveis, eletrodomésticos, caixas de cartão, roupa, e televisores. É desfazendo televisores na serra, que Xavier encontra os seus altifalantes para a instalação sonora que nos apresenta, simultaneamente atividade de desconstrução estética e de reutilização ecológica. Amarrados em galhos e troncos também encontrados em Macieira, os altifalantes despidos da sua caixa, emitem a obra sonora que envolve o espaço, como ninhos de sons e memórias.

Fieldrecordings com os característicos sons de pássaros e insetos audíveis em Macieira, são compostos e transpostos para uma fita magnética num loop de 1m25s. A fita percorre fisicamente o tronco em circularidade incansável, para entrar no leitor de cassetes, a mecânica gasta do leitor acrescentando sonoridade à peça. O chamado *walkman* apoia-se sobre uma caveira de javali, também encontrada em Macieira, em encontro-memória de imagens - sonoras, visuais - de animais selvagens. Natureza e civilização encontram-se e tensionam-se, naquilo que é a mais comum das experiências do contemporâneo interior rural português.

Junto aos troncos três galhos-ramos de flores amarelas, agora secas, cortadas junto à escola, rodam sobre pequenos motores adaptados, acrescentando natureza morta e circularidade à exposição.

Mas voltando ao espaço, o nosso gesto primeiro foi o de construir um chão em cima de um chão de cimento gasto, dialogando com o espaço que de antiga tabacaria, se transforma em estúdio de artistas, em que se mostram coisas, que se abre ao público.

Tudo começa por preparar uma exposição para um chão – um chão que preenche o espaço da *Neblina*. Construir um chão-plataforma: erguer um pouco. Interessa-nos especificamente o desafio de pensarmos os trabalhos em desenho, fotografia, som, performance, objetos e outras coisas, num chão. Processo de colaboração, e de encontros, como um mapa de percursos dialogantes, para a construção de um lugar novo, uma ficção entre territórios, e entre pares.

Aqui se espalham uma sequência de desenhos, dois mapas dobrados – já não militares, mas agora de imagens fotográficas – pedras e animais. São junções de elementos encontrados, cascas de árvore, raízes de giesta, troncos, que se unem com simplicidade para criar outra coisa.

Curvas de nível desenhadas por uma pedra evocam a circularidade de alguns percursos, e apontam para cima tal como alguns dos nossos bichos, encontrados e reconstruídos – paus animais a desafiar a gravidade, como quando as árvores, parecem desafiar o plano do chão. Também aqui colocadas as pedras apanhadas por Xavier Paes junto ao rio Paiva lembram tímidas mariolas – esses marcos comunitários, sinais importantes para quem caminha. São instrumentos sonoros que irão ser ativados na performance que o artista fará para encerrar a exposição.

A ideia de planificação com que quisemos trabalhar o chão, remete para a história da perspectiva de índole renascentista, uma resposta (entre outras) para solucionar o como “planificar” a representação do mundo. Tornar plano, como o faz qualquer obra bidimensional, é um dos problemas de base da representação artística. Mas não só: é o problema de toda a representação.

Um chão torna-se um mapa: a simplificação de uma realidade complexa. Antes do cartógrafo flamengo Gerardus Mercator (séc XVI) os mapas eram sobretudo ecuménicos, representavam as pessoas, e a partir de Mercator tornam-se progressivamente mais territoriais. O nosso chão-mapa é um e outro, e algo entre os dois. O público que percorre e rodeia o chão também percorre um espaço, com o seu corpo. Há uma consciência de que o/a espectador/a cria uma relação de ver andando, e parando, e voltando atrás, como numa travessia, numa caminhada. Replica-se no espaço expositivo as experiências das caminhadas que os artistas tiveram que realizar *in loco* para concretizar esta obra *in map*.

E termina-se numa pedra, para subir para a plataforma seguinte, o patamar de entrada do espaço. É uma pedra-memória que evoca o território português, a poética mestria mural em granito, da pedra sobre pedra. E esta pedra se é um degrau, é um degrau com vida, a meio caminho entre o lugar da galeria e o caminho no exterior, *in natura*, com as suas plantas e musgo que temos que borrifar com água durante o tempo da montagem, e da exposição. Mas sabemos bem que os mapas não descrevem apenas, como também criam. São por vezes os mapas que definem as fronteiras, criando-as – com o desenho.

O mapa pressupõe também uma ideia de escala, de simplificação e de escala.

A escala da obra no espaço da *Neblina* torna-se uma pequena parte das experiências, reflexões, pesquisas, que lhe estão na base. À/ao espectador/a apenas se dá a conhecer uma parte do projeto, não como um enigma, mas como um ponto de partida. Todo o conhecimento dos outros se acrescenta aos nossos. Um chão em construção conjunta. Nem poderia ser de outra forma... a este propósito recordamos aqui a conhecida história do escritor argentino Jorge Luis Borges *Do rigor na ciência* que ficciona sobre uma sociedade tão avançada no conhecimento cartográfico que produzia mapas à escala real, tornando-se – em consequência – inúteis.

Se a projeção cilíndrica do globo terrestre (projeção de Mercator, 1590, realizada na sequência dos estudos do cartógrafo português Pedro Nunes) planifica a terra, nem por isso esta deixa de ser redonda. Mais ainda, é redonda e está em fluxo - como o trabalho artístico no chão faz adivinhar um vasto contexto de pesquisa, observações partilhadas, quilómetros percorridos, complexidades políticas e ecológicas.

É um chão *E pur si muove!*

Daniel Moreira e Rita Castro Neves

Daniel Moreira e Rita Castro Neves

são artistas portugueses que vivem e trabalham entre o Porto e a Beira Alta, com percursos expositivos separados, e que trabalham desde 2015 em colaboração. Daniel Moreira é licenciado em Arquitectura, iniciando em 2000 um percurso multidisciplinar entre a arquitectura e as artes plásticas. Rita Castro Neves, após terminar o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co em Lisboa e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art de Londres, inicia uma atividade artística regular, de docência e de curadoria.

Com *Laking*, que realizaram em 2015 a convite do espaço artístico finlandês Oksasenkatu 11, iniciam um projeto longo a propósito da representação da paisagem, em que refletem com o desenho, a fotografia e o vídeo, de forma instalada, sobre colaboração artística, diferentes técnicas e culturas artísticas, território, escala e percurso. Entre as exposições individuais que realizaram desde 2015 destacam *Laking and seaing* no Museu da Imagem nos Encontros da Imagem de Braga (Braga, 2017), *Ermida* na Ermida de Santa Luzia em Alvito (junho 2019) e *Órbitas* no Consulado Português em São Paulo (com Guto Lacaz, curadoria de Isabella Lenzi, 2019). E das coletivas, *Sem Imago Mundi, Antes um Desvio Aleatório* no Planetário do Porto (curadoria de Eduarda Neves, 2018), *Jardim Atlântico* no Colégio das Artes (Coimbra, 2017) e no Paço Imperial do Rio de Janeiro (Brasil, 2018, apoio Programa Shuttle) e a Ci.CLO Bienal'19 de Fotografia do Porto (curadoria de Virgílio Ferreira, Jardins do Palácio de Cristal, 2019).

Das residências artísticas destacam a Residência Paulo Reis do Ateliê Fidalga em São Paulo (Sandra Cinto e Albano Afonso, agosto de 2017), a Residência Inter.meada / Coleção Marín Gaspar, Alvito (maio 2018), Montanha Mágica, UBI – Universidade da Beira Interior, Serra da Estrela (junho 2018), Camões – Centro Cultural Português de Maputo, Moçambique (julho 2018) e o Festival de Fotografia de Paranapiacaba (Brasil, agosto 2019).

Em outubro de 2017 realizaram uma viagem de estudo ao Japão com uma bolsa da Fundação Oriente.

Em 2019 fizeram a curadoria de um programa de filmes portugueses para o Festival de Fotografia de Paranapiacaba (Brasil), que também teve uma apresentação no Consulado Português em São Paulo. Em 2020 realizaram a curadoria de uma exposição coletiva a convite dos Maus Hábitos/Saco Azul, intitulada *da serra e da terra*, com Alice Geirinhas, José de Almeida, Maria Lino, Pedro Saraiva e Tânia Dinis.

Em 2021 terminam o projeto de recuperação da *Escola de Macieira*, uma antiga escola primária do Plano dos Centenários na Serra de São Macário, na Beira Alta, para aí iniciarem um projeto de reflexão sobre cultura serrana, questões do território, da natureza e do rural, e logo pela preservação ambiental.

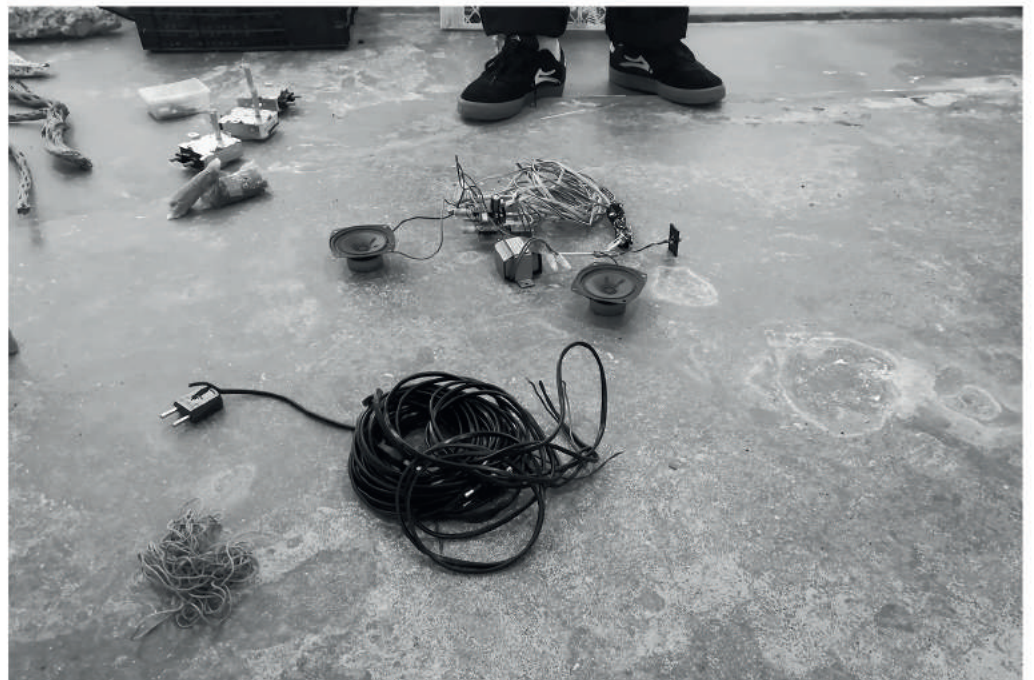
www.danielmoreira.net | www.ritacastro Neves.com | www.danielmoreira-ritacastro Neves.com



Daniel Moreira e Rita Castro Neves
Pássaro, 2021

Daniel Moreira e Rita Castro Neves
Rodear um chão como quem percorre um lugar, 2021

Xavier Paes
Natureza Morta e a Eco/lógica, 2021



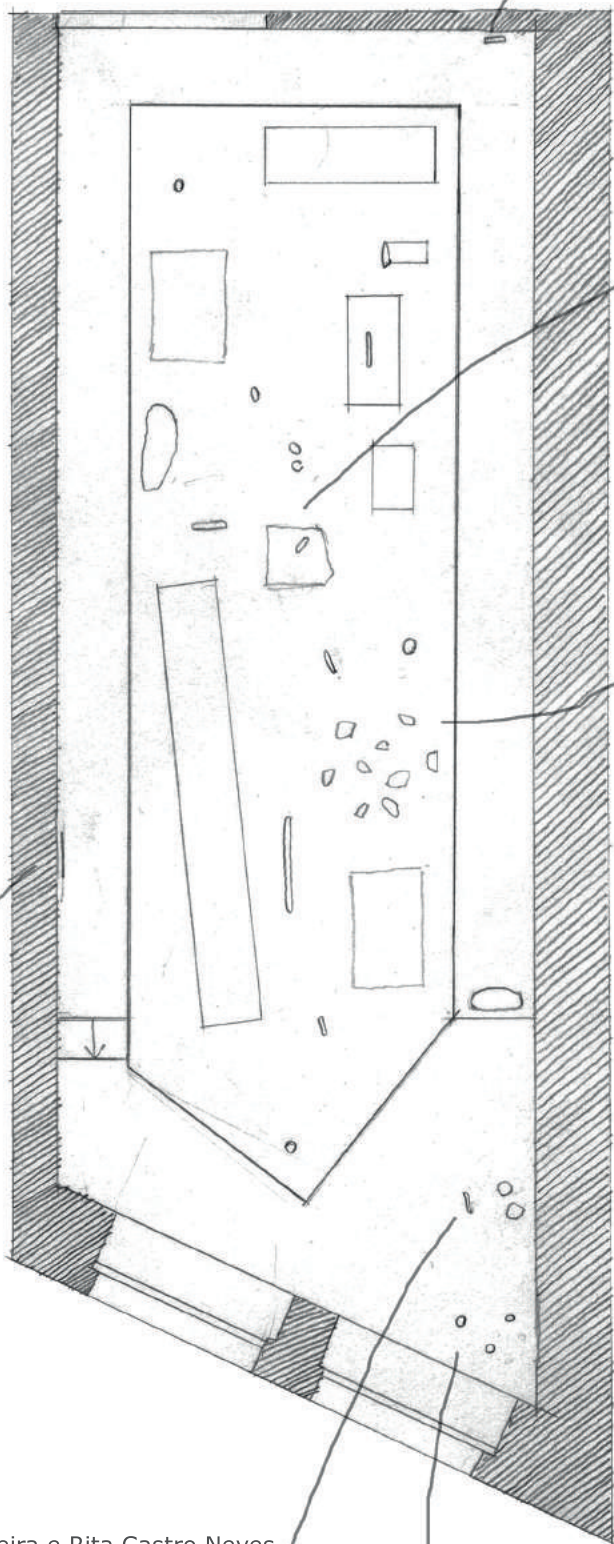
Xavier Paes

Artista transdisciplinar radicado no Porto, parte do colectivo da Favela Discos, Dies Lexic, Refluxo Colectivo, MOSCXS, co-dirige a orquestra experimental Em Chame e funda em 2021 o espaço OV/Art Gallery. Divide a sua prática entre os campos indefinidos das artes plásticas, com enfoque no som, performance, improvisação, respigadorismo e multi-instrumentalismo. Praticante devoto da filosofia zenose, estuda as artes exploratórias e divinatórias de realidades paralelas através de ideias como fenómenos acústicos, repetição, corpos ressonantes e simpatéticos, semiótica, eco e ecologia.

Em Portugal a sua estreia a solo acontece em 2017, sendo dois anos depois convidado a integrar primeira edição da exposição “Anuário – Uma visão retrospectiva da arte no Porto”, comissariado por João Ribas e Guilherme Blanc.

Tendo passado por instituições, galerias, festivais, quiosques, raves e after-parties, salientam-se em Portugal espaços como Fundação de Serralves, Estrela Decadente, Centro de Arte Oliva, Maus Hábitos, Cave do Gon, SMUP Parede, MIEC – Santo Tirso, Zaratan, Galeria Abysmo, PENHA SCO, e lá fora, Bétun (Tuy), Stichting Centrum (Haia), OCCII e Vondelbunker (Amesterdão), La Pointe Lafayette e L'international (Paris), STUK (Lovaina) e Overtoon (Bruxelas).

<https://readymag.com/xavierpaes/todayistoday/events/>



Daniel Moreira e Rita Castro Neves
Galhos, 2021

Xavier Paes
Dancing Bodies Sing at the Sun But Also Cry Piece, 2021

Xavier Paes
Quaestiones de Anima: Present Delay Momentum / Chronopoetics and Decay 60MIN (DEMO) Tape Loop Piece, 2021